

O amor e o laço – uma leitura poética da canção Ladeirinha, de Djavan

Líllian da Cruz Régis*
Universidade Federal da Paraíba

COMO assegurou Borges¹, todos os poemas e romances escritos ao longo da história não ofereceram nada de novo além de apresentar os mesmos temas sob infinitas roupagens. Em narrativas longas ou em versos milimetricamente recortados, pensadores, filósofos, poetas, trataram sobre as questões de sua época e discutiram temas universais intrínsecos ao homem como a paixão, o amor e o desejo.

De Platão na Grécia antiga a São Paulo na Tradição Cristã, passando por Agostinho na era medieval, Camões e Shakespeare, Freud e Nietzsche, as acepções de amor e paixão se modificaram, ora assumindo contornos mais divinizados, influenciados pela religião, ora mais aproximados do erótico e do carnal, apegados ao corpo.

Essas concepções percorreram a trajetória humana e se encontram presentes na literatura, no teatro, no cinema, nas telenovelas, e, como não poderia ser diferente, na música de todas as épocas, inclusive, na Música Popular Brasileira.

Nesse cenário em que surgem amores e desamores, encontros e desencontros, inúmeros compositores se utilizam dos recursos e artifícios da língua/linguagem para produzir canções primorosas. É o caso de Djavan, um dos grandes nomes da MPB. “Explorador do som

*Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPB.

¹BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. Obras Completas. São Paulo: Globo, 1998.

das palavras, das imagens inusitadas, da variedade rítmica, das brincadeiras com andamentos, melodias fora dos padrões e riqueza harmônica²”, Djavan fala do que lhe é particular ao abordar temáticas regionais nordestinas, mas também do que é universal quando poetisa sobre o amor – uma de suas principais vertentes musicais e poéticas.

Neste artigo, nossa proposta é analisar *Ladeirinha*, quarta faixa do álbum *Milagreiro*, lançado em 2001, canção com contornos de valsa e jazz, composição musical inusitada, característica da obra do compositor alagoano, mestre na mistura de ritmos e sons aparentemente dissonantes. Nossa escolha se justifica pelo fato de acreditarmos ser necessário pesquisar, também, outras composições além daquelas já consagradas pelo público. A escolha também se deu pela relação afetiva com a referida canção.

Em nossa análise serão levantados elementos que revelam a(s) concepção(ões) de amor apresentada(s) e de que maneira a mulher, objeto de desejo do sujeito lírico é percebida. Nossa intenção é verificar se *Ladeirinha* revela uma leitura erótica e/ou uma leitura divinizada, já que essas duas compreensões são recorrentes no cancionário de Djavan, conscientes de que não esgotaremos as possibilidades semânticas da canção/poema.

No site oficial do cantor, *Ladeirinha* não apresenta divisão em estrofes, o texto é uno. No entanto, para melhor compreensão de nossa análise, optamos por dividir a canção em três partes, tomando como base a percepção de três momentos distintos descritos pelo sujeito lírico. O primeiro, dos versos 1 ao 11, em que ele narra a aparição da amada ao anoitecer. O segundo inclui os versos 12 a 19, e é marcado pela ausência dela. Já a terceira divisão inclui os versos 20 a 32, e narra acontecimentos matinais em que ela reaparece.

Para alcançar nosso objetivo de perceber os caminhos percorridos pelo compositor na canção, começamos por observar o trabalho com a linguagem desenvolvido nos versos de nossa primeira divisão.

*Quase à noitinha ela desce
a ladeirinha que faz lado
com o meu quintal
os seus passos ágeis, livres*

²Site oficial de Djvan: <http://www.djavan.br>, disponível no link BIO.

*trazem o amor ideal
feito de laço, posse, viço
vertical na dor
e um sol todo tempo a brilhar
pelos rios, matas virgens
desse seu corpo
que eu desejo amar*

A única referência direta ao título do texto aparece aqui e é o primeiro indício da linguagem afetiva utilizada por Djavan. A ladeirinha é o elo entre o sujeito lírico e a amada, é o desejado caminho por onde ela passa todos os dias, o venerado chão em que ela pisa. O uso do diminutivo sugere uma espécie de carinho, de afeição. Esta não é uma ladeira qualquer, ela ganha traços de personalidade e, mesmo como ser inanimado, atua como uma espécie de parceira do narrador, como sua adjuvante. Podemos dizer que a ladeirinha traz a mulher amada ao anoitecer.

Deixando o título, chegamos a uma relação de oposição entre os “passos ágeis e livres” e o amor ideal, que é “feito de laço, posse, viço”, e que estabelece uma ligação entre a liberdade da mulher amada e o modo como o sujeito se sente aprisionado a ela. Aqui podemos perceber a riqueza da linguagem e a consciência poética do músico alagoano. As palavras *laço*, *posse* e *viço*, expressam uma idéia de sentimento forte, possessivo e avassalador. Além de apresentar pela primeira vez no poema elementos de sensualidade e erotismo.

O poeta parte do sentido denotativo de *laço* e explora as possibilidades semânticas do vocábulo. A primeira possibilidade de leitura seria o significado literal da palavra, compreendido como um nó feito com duas alças e relativamente fácil de desatar. O amor seria então o sentimento que une, ata duas vidas ou duas pessoas. Associado a esta concepção temos o *laço* como vínculo, aliança. O amor, antes representado por uma ligação “frouxa”, agora ganha contornos mais sólidos e firmes. Mas logo aparece também o laço que é cilada, estratégia para apanhar um animal distraído, ou mesmo o laço de couro usado para derrubar gado no rodeio. Assim surge uma nova leitura para o “amor ideal” descrito pelo eu lírico – o amor-armadilha. O amor que atrai e aprisiona o sujeito indefeso como o alçapão captura o pássaro desavisado. Percebemos, desse modo, as várias nuances da palavra *laço* utilizada no poema,

o que nos remete ao princípio de T. S. Eliot de que o poeta trabalha para aperfeiçoar e enriquecer sua língua.

Podemos dizer que a tarefa do poeta, é apenas indireta com relação ao seu povo: sua tarefa direta é com sua *língua*, primeiro para preservá-la, segundo para distendê-la e aperfeiçoá-la. (...) Essa é a diferença entre o escritor que é apenas excêntrico e o autêntico poeta. Aquele primeiro pode ter sentimentos que são únicos, mas que não podem ser compartilhados, e que por isso são inúteis; o último descobre novas variantes da sensibilidade das quais os outros podem se apropriar. E, ao expressá-las, desenvolve e enriquece a língua que fala. (ELIOT, 1991, p. 31).

Mas as possibilidades não se esgotam ainda. É possível fazer uma leitura do vocábulo priorizando seu aspecto sonoro. *Laço* pode assumir o significado de frouxo, gasto, cansado, sem energia, lascivo, devasso. Uma leitura que é confirmada pelas palavras *posse* e *viço*. A primeira, expressando posse sentimental e a segunda, a exuberância e o frescor das plantas, e ambas assumindo, também, uma conotação de posse e desejo sexual. Esse campo semântico se torna ainda mais evidente com a leitura dos versos “*e um sol/ todo tempo a brilhar/ pelos rios, matas virgens/ desse seu corpo/ que eu desejo amar*”, em que o eu lírico torna explícita sua atração pelo corpo da amada.

É nessa divisão que o conceito de amor exprime traços de sensualidade e erotismo. O corpo feminino é objeto de desejo erótico. Como nos afirma Octávio Paz “o encontro erótico começa com a visão do corpo desejado. Vestido ou desnudo, o corpo é uma presença, uma forma que, por um instante, é todas as formas do mundo”, (PAZ, 1994, p. 182).

Ressaltamos, ainda, um aspecto bastante recorrente na poesia djavaneana – a natureza associada ao corpo feminino, ou ainda, este comparado a elementos daquela. Surgem os rios, as matas e o sol, que aparece como símbolo de luz, calor e vida sugerindo uma atmosfera quente, mas, não somente isso. Mais do que um dia quente, o sol sugere um desejo sexual ardente e apresenta uma concepção de erotismo intimamente ligado à natureza e ao cosmos.

Se os versos anteriores apresentam uma descrição do que é a presença do ser amado, nos versos seguintes, veremos como o sujeito lírico retrata sua ausência e como ele se sente afastado dela.

*o dia é vago
quando eu não a flagro a sorrir
para mim
posso ver imagens no nada
duendes no edredon
e é só dormir para ouvir em qualquer lugar
sirenes no ar
ressaltando você*

A existência do sujeito lírico só se completa com a presença da amada, ainda que ela desconheça seu sentimento. Ela é a razão de sua sobrevivência. No entanto, aqui há o afastamento do eu lírico de seu objeto de desejo e afeição e, conseqüentemente, um esvaziamento do sentido da vida expresso nos versos “*o dia é vago/ quando eu não a flagro a sorrir*”.

Em lugar da metáfora do sol, surge a atmosfera nebulosa do sonho. O desejo carnal é aplacado e a presença física é substituída pela aparição onírica. Djavan introduz no poema um novo universo. Afasta-se da realidade material para entrar numa nova ordem que beira o delírio: “*posso ver imagens no nada, duendes no edredon/ e é só dormir para ouvir em qualquer lugar/ sirenes no ar/ ressaltando você*”.

Nesse momento surge um modo novo de expressar algo comum ao homem, como o sono e o sonho. Isso mostra uma das marcas do poeta, a capacidade de dizer o velho de um jeito novo, diferente e singular. O verso “*duendes no edredon*” parece fugir a tudo que vem sendo dito pelo poeta, como se fosse uma nota dissonante no meio da música, e mostra a capacidade criativa de causar estranhamento no leitor e de romper com a linearidade traçada. Especialmente porque duendes são seres mitológicos, e associados a fadas e gnomos são integrantes do reino da fantasia. É exatamente esse reino de encantamento que é inaugurado no poema. Como afirma T. S. Eliot, na poesia “há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou uma nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que

amplia nossa consciência ou apura nossa sensibilidade”. (ELIOT, 1991, p. 29).

*o dia nasce e você,
já envolta num véu,
traz a luz
flores se esgarçam num bailado
em busca de atenção
mais nada existe
enquanto a vejo passar
o que é seu andar?
que ventura
esse chão!...
tudo mais é puro alvoroço
que a imagem de um colosso
provoca dia a dia...*

Saindo do universo do sonho e da fantasia, voltamos à fase inicial descrita no poema, ao universo da contemplação e deslumbramento. Agora, o poeta pinta um cenário matinal, com flores e a presença da amada trazendo de volta a luz. Os versos “*o dia nasce e você/ já envolta num véu*” trazem à tona a imagem de uma madona, pintada com seu véu e aura de luz em torno da cabeça. Esse poderia ser um perfil da mulher como representação da Virgem Maria, numa leitura sacra. Nesse sentido, o feminino seria puro e intocado, e à semelhança das cantigas de amor, o homem seria seu admirador e vassalo. Ela estaria numa condição de sublimidade e seria o significado da existência do sujeito lírico. *Ladeirainha* apresenta, portanto, o feminino não somente como objeto de desejo erótico, mas também como mãe e matriz geradora de vida ao relacioná-la à natureza, “*flores se esgarçam num bailado/ em busca de atenção*”.

Os versos “*mais nada existe/ enquanto a vejo passar/ o que é seu andar?! que ventura/ esse chão!...*” apontam um sujeito hipnotizado pela beleza da mulher que, embora não seja descrita fisicamente, não se sabe se é loira ou morena, alta ou baixa, magra ou gorda, encanta, como as fadas. O sujeito poético chega mesmo a sentir inveja do chão por onde a amada caminha. Esse caminhar provoca agitação, alegria súbita, euforia. Ele a compara a uma figura colossal, a uma estátua gigante, diante

do que as pessoas param admiradas, boquiabertas, sem muitas palavras, apenas exclamações.

Os três últimos versos “*tudo mais é puro alvoroço/ que a imagem de um colosso/ provoca dia a dia...*” sugerem que tudo se repete, como um ciclo, como as estações do ano que seguem uma após outra. Ver a imagem da amada é sinônimo de admiração e deslumbramento diário. O final do texto pontuado por reticências é uma sugestão de que a vida segue um dia após o outro da mesma maneira.

Essa constatação não se refere apenas aos acontecimentos narrados pelo sujeito lírico, mas aos próprios sentimentos deste. Poderíamos descrevê-los na seguinte expressão: contemplação – ausência – contemplação. O texto poético é, então, marcado por três movimentos que circunscrevem a contemplação do ser amado e o desejo experimentado pelo eu lírico, a ausência do ser amado e a frustração que ela causa e, mais uma vez, a contemplação da mulher amada e o deslumbramento do eu lírico.

Uma vez que o primeiro e o último momento do poema são semelhantes, poderíamos afirmar que *Ladeirainha* é marcada pela oposição presença – ausência, num ciclo que alterna euforia e disforia.

Referências

- Site oficial de Djvan. <http://www.djavan.com.br/main.php>
acesso em: 24 jul. 2011.
- BORGES, Jorge Luis. (1998). *A Biblioteca de Babel. Obras Completas*. São Paulo: Globo.
- ELIOT, T. S. (1991). “A função social da poesia” e “A música da poesia”. In: _____ *De poesia e poetas*. Trad. e prólogo Ivan Junqueira. S. Paulo: Brasiliense, p. 25-55.
- PAZ, Octavio. (1994). *A dupla chama amor e erotismo*. Trad. Wladyr Dupont. 3 ed. São Paulo: Siciliano.
- POUND, Ezra. (2006). “Capítulos I a IV”. In: _____ *ABC da literatura*. 11ª ed. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. Org. e apresent. Augusto de Campos. S. Paulo: Cultrix, p. 23-42. 9.

Anexo

Ladeirinha

Quase à noitinha ela desce
a ladeirinha que faz lado
com o meu quintal
os seus passos ágeis, livres
trazem o amor ideal
feito de laço, posse, viço
vertical na dor
e um sol todo tempo a brilhar
pelos rios, matas virgens
desse seu corpo
que eu desejo amar
o dia é vago
quando eu não a flagro a sorrir
para mim
posso ver imagens no nada
duendes no edredon
e é só dormir para ouvir em qualquer lugar
sirenes no ar
ressaltando você
o dia nasce e você,
já envolta num véu,
traz a luz
flores se esgarçam num bailado
em busca de atenção
mais nada existe
enquanto a vejo passar
o que é seu andar?
que ventura
esse chão!...
tudo mais é puro alvoroço
que a imagem de um colosso
provoca dia a dia...